

# Críticas

Platão

# Críticas

## Platão

Timeu: Como estou feliz, ó Sócrates, agora 106A  
que termino com regozijo a viagem do meu discurso,  
tal como se descansasse de uma longa caminhada<sup>1</sup>.  
Ao deus que foi gerado, outrora na realidade e agora  
mesmo em palavras<sup>2</sup>, eu rogo que, de entre aquilo que  
dissemos, garanta a perenidade do que foi mencionado  
correctamente, mas, se em relação a algum assunto B  
proferimos inadvertidamente algo fora de tom, que  
nos aplique a pena que seja adequada. Ora, a pena  
acertada para quem dá uma nota em falso é entrar no  
tom; portanto, para que exponhamos correctamente os  
discursos relativos ao que resta dizer sobre a geração dos  
deuses, rogamos-lhe que nos forneça o remédio mais

---

<sup>1</sup> A metáfora do discurso como viagem é bastante recorrente em Platão (e.g. *Filebo* 14a, *Leis* 645a).

<sup>2</sup> Trata-se do mundo sensível, que por diversas vezes é chamado “deus” (34a-b, 68e, 92c). A oposição “na realidade/em palavras” e “outrora/agora” acentua os planos absolutamente distintos em que se encontram os dois “fabricadores” em causa: o demiurgo gerou (literalmente) o mundo num tempo anterior ao humano e não cronológico, ao passo que Timeu o reconstituiu em palavras, obedecendo a um “agora” cronológico e diegético.

perfeito e excelente de entre os remédios – o saber. Feitas as preces, entreguemos o discurso seguinte a Crítias, de acordo com o combinado<sup>3</sup>.

C Crítias: E eu aceito-o, ó Timeu, mas tal como também tu o abordaste no início, quando pediste tolerância<sup>4</sup>, porque estavas prestes a falar sobre assuntos de grande importância, igualmente eu neste momento apelo a isso mesmo, pois considero-me merecedor de  
 107A obter ainda mais tolerância em virtude dos assuntos sobre os quais estou prestes a falar. Com efeito, tenho noção de que o pedido que vos vou dirigir é bastante ambicioso e mais indelicado do que é devido, mas, ainda assim, tenho que dizê-lo. Quanto ao que foi referido por ti, quem no seu juízo perfeito ousaria dizer que isso não é acertado? Mas que aquilo de que eu vou falar carece de mais tolerância, por ser mais problemático, isso terei que explicar de uma maneira ou de outra.

B Na verdade, ó Timeu, sempre que dizemos aos homens algo sobre os deuses, é mais fácil parecer falar adequadamente do que quando dizemos a nós, homens, algo sobre os mortais. É que a inexperiência e a ignorância extremas dos ouvintes em relação aos assuntos a tratar proporcionam uma destreza acrescida àquele que está prestes a dizer algo sobre eles; no que diz respeito aos deuses, sabemos que é essa a nossa condição.

---

<sup>3</sup> O programa dos discursos fora estabelecido logo no início do *Timeu* (27a-b). É provável que se trate dos astros, como sugere Brisson (2001, p. 380, n. 8), mas não existem quaisquer dados que confirmem essa suspeita.

<sup>4</sup> Cf. *Timeu* 29c-d.

Mas, para que explique com maior clareza aquilo que digo, acompanhem-me no seguinte raciocínio. Aquilo que todos nós pronunciamos é, necessariamente, uma imitação, uma representação<sup>5</sup>. No que trata à reprodução de imagens de corpos humanos ou divinos produzida pelos pintores, apercebemo-nos de que, no apuramento da facilidade ou dificuldade do processo imitativo, para quem as observa, a aparência é suficiente. Também reparamos que, no que diz respeito à terra, a montanhas, rios, uma floresta, ao céu e a tudo quanto existe e circula em torno dele, ficamos satisfeitos, acima de tudo, se alguém for capaz de os reproduzir com um mínimo de semelhança. Além disso, como não sabemos nada de rigoroso sobre assuntos dessa natureza, não examinamos nem pomos à prova o que foi pintado, e apreciamos uma pintura de sombreados indistinta e ilusória<sup>6</sup>. Por outro lado, sempre que alguém tenta representar os nossos corpos, em virtude de nos apercebermos com acuidade daquilo que foi negligenciado, graças à constante observação íntima, tornamo-nos juízes implacáveis de tudo aquilo que não esteja absolutamente dotado de semelhança.

É forçoso que compreendamos que acontece o mesmo com os discursos, já que devemos ficar satisfeitos

---

<sup>5</sup> Crítias propõe uma teoria da linguagem muito próxima da concepção platónica da arte em geral que fora estabelecida na *República* (597a-e) e no final do *Sofista*. Tanto que o exemplo a que vai recorrer para ilustrar esta sua posição releva precisamente do âmbito da pintura.

<sup>6</sup> A técnica da pintura com sombreados (*skiagraphia*) era considerada por Platão uma forma de ilusão propositada (cf. *República* 602c-e).

se o que dissermos sobre assuntos celestes e divinos for minimamente verosímil, ao passo que podemos examinar minuciosamente os mortais e humanos<sup>7</sup>. Quanto ao discurso que agora faremos, fruto do

E improviso, se não conseguirmos dotá-lo de clareza em relação a todos os aspectos, teremos necessariamente que ser condescendentes; é que é preciso ter em conta que não é nada fácil, senão extremamente difícil, produzir representações dos assuntos mortais que relevam do âmbito da opinião.

108A 108a É disto que eu vos quero recordar, e foi pelo facto de vos pedir não menos mas sim mais tolerância em relação ao que estou prestes a dizer que mencionei tudo isto, ó Sócrates. Se vos pareço pedir justificadamente a oferta, concedei-me-la de bom grado.

Sócrates: E por que motivo não ta haveríamos de conceder, ó Crítias? Também ao terceiro, Hermócrates, nós havemos de lhe conceder a mesma tolerância. De facto, é evidente que, um pouco mais tarde, quando lhe competir a ele discursar, a pedirá tal como vocês<sup>8</sup>. Deste modo, para que planeie um início diferente e não esteja compelido a dizer o mesmo, ele que discursar partindo do princípio que deste modo e neste momento lhe foi garantida a tolerância. Quanto a ti, meu caro Crítias, dir-te-ei de antemão qual é a disposição do público: o

B

---

<sup>7</sup> Note-se que também no discurso de Crítias a verosimilhança é tida por exigência racional.

<sup>8</sup> Hermócrates seria o terceiro (a seguir a Crítias) a intervir (vide Introdução, pp. 14-15).

poeta anterior a ti<sup>9</sup> granjeou diante dele grande estima, de tal forma que precisarás de tolerância ilimitada a teu favor, se te consideras capaz de a obter.

Hermócrates: Dás-me a mesma recomendação que a este aqui, ó Sócrates. Mas, com efeito, ó Crítias, nunca homens sem valor obtiveram um troféu<sup>10</sup>. Por isso, convém que avances corajosamente com o teu discurso, invocando o Salvador<sup>11</sup> e as Musas para dares a conhecer os ilustres cidadãos antepassados e lhes dedicares um hino<sup>12</sup>.

Crítias: Ó caro Hermócrates, por teres sido posicionado na linha mais recuada e teres outra pessoa à tua frente, estás ainda cheio de coragem. O que é estar nesta situação, isso em breve te será revelado; mas tenho que obedecer ao teu incentivo e estímulo, e, além dos deuses que mencionaste, temos que invocar ainda outros, principalmente Mnemósine<sup>13</sup>. É que quase todos os assuntos do nosso discurso dizem respeito a

<sup>9</sup> Refere-se a Timeu.

<sup>10</sup> Neste contexto, a metáfora é puramente bélica, sendo que o troféu (*tropaion*) refere um pequeno monumento que era erigido no campo de batalha como símbolo de vitória. O âmbito semântico militar vai manter-se pelas próximas linhas, como que anunciando o longo discurso de Crítias sobre o confronto militar.

<sup>11</sup> Epíteto de Apolo.

<sup>12</sup> Foi referido ainda no resumo do *Timeu* (21a) que a narrativa sobre a lendária guerra visava glorificar a cidade de Atenas no dia da sua festa (as *Panateneias*, durante as quais se desenvolve a acção).

<sup>13</sup> Personificação divinizada da memória, de quem eram filhas as Musas. Esta invocação era bastante comum nos poetas e historiadores.

essa deusa; pois, se lembrarmos o suficiente do que foi dito pelos sacerdotes de outrora, trazido até aqui por Sólon<sup>14</sup>, e o dermos a conhecer, creio que, aos olhos do público, pareceremos cumprir razoavelmente aquilo a que nos comprometêramos. É isso que devemos fazer de imediato, e não podemos demorar nem mais um pouco.

E Primeiro que tudo, recordemos o principal<sup>15</sup>: passaram nove mil anos desde a referida guerra entre os que habitavam além das Colunas de Hércules<sup>16</sup> e todos aqueles que estavam para aquém; convém agora que discorramos sobre ela em pormenor. De um lado, segundo se diz, estava a nossa cidade que comandou e travou a guerra até ao fim, enquanto que do outro estavam os reis da Ilha da Atlântida, ilha essa que, como dissemos há pouco, era maior do que a Líbia e a Ásia<sup>17</sup> juntas. Mas, actualmente, por estar submersa graças aos tremores de terra, constitui um obstáculo de lama intransitável para aqueles que querem navegar dali para o alto-mar, de tal forma que nunca mais pode ser ultrapassado.

109A

Quanto aos vários povos bárbaros, e também todos os que de entre os Gregos existiam naquele tempo, a exposição do relato, no seu desenrolar, revelará o que diz respeito a cada um deles, sucessivamente e caso a

<sup>14</sup> Cf. *Timeu* 21c-sqq.

<sup>15</sup> O essencial do discurso Crítias vai iniciar fora já referido no *Timeu* (20d-26d).

<sup>16</sup> O Estreito de Gibraltar.

<sup>17</sup> A Líbia corresponde, actualmente, a todo o Norte de África, e a Ásia ao território que se estende desde a Península Arábica até ao Norte da Índia.

caso<sup>18</sup>. No que diz respeito aos Atenenses de então e aos seus opositores, contra os quais entraram em guerra, é necessário que comece por analisar, em primeiro lugar, o poderio bélico e a forma de governo<sup>19</sup> de cada um deles. De entre eles, devemos optar por falar primeiro deste daqui.

Em determinada altura, os deuses dividiram toda a terra em regiões – sem recurso a disputa; nem seria correcto dizer que os deuses ignoravam o que era apropriado a cada um deles, nem tampouco que, apesar de saberem o que era mais adequado para os outros, tentavam, entre si, apropriar-se disso para si próprios por meio de disputas –, e, havendo obtido a região que lhes agradava, de acordo com as sortes da Justiça, povoaram esses lugares. Depois de os terem povoado, criaram-nos como se fossem bens ou animais, à semelhança de pastores com o gado, só que não subjugavam corpos com corpos, como os pastores que orientam os rebanhos à pancada, mas da melhor maneira para lidar com uma criatura que é guiá-la pela proa: tomando, de acordo com o seu próprio desígnio, a alma como um leme, por meio da persuasão, conduziam e governavam deste modo todos os seres mortais<sup>20</sup>.

---

<sup>18</sup> A descrição das forças em conflito antes do combate propriamente dito era um costume dos historiadores (cf. Tucídides 1.89-sqq.). Visto que Crítias refere que falará detalhadamente de todos os povos envolvidos (Atlantes, Gregos e respectivos aliados), descrevendo depois o confronto propriamente dito, é certo que o diálogo completo era bastante extenso. Contudo, termina, como sabemos, quando aborda o início da degenerescência social e moral do povo atlante.

<sup>19</sup> *politeia*.

<sup>20</sup> Esta metáfora do estadista como timoneiro de uma nau, bastante utilizada na tragédia, remonta aos versos de Arquíloco



Enquanto que aos outros deuses coube em sorte os restantes locais que ordenaram de um modo diferente, Hefesto e Atena, por terem uma natureza comum – por um lado, eram irmãos de um mesmo pai e, por outro, em virtude do gosto pelo saber e pela arte, tinham a mesma orientação<sup>21</sup> –, a ambos assim coube em sorte uma única porção, que é este lugar aqui, porque era, por natureza, afim e adequado à virtude e à sabedoria<sup>22</sup>.  
 D Então, colocaram aqui homens bons, os autóctones, e introduziram-lhes a ordem política no intelecto<sup>23</sup>.

Os nomes deles foram conservados, mas os feitos, graças ao facto de terem perecido aqueles que os herdaram e à vastidão do tempo, desapareceram. É que o género de pessoas que sempre sobrevive, tal como foi dito anteriormente<sup>24</sup>, mantém-se serrano<sup>25</sup> e analfabeto; estas apenas tinham ouvido falar dos nomes dos governantes daquele lugar e, além disso, do pouco que haviam feito. Assim, eles punham esses nomes aos seus descendentes,

---

(poeta do séc. VII a.C.), que compara uma tempestade a uma crise política e o timoneiro ao político que a pode superar (fr. 106 West). Aparece com um sentido análogo na passagem da *República* sobre a nau do estado (488a-499a) e também no *Político*, onde Cronos é chamado “timoneiro do universo” (272e4).

<sup>21</sup> Ambos Atena e Hefesto eram filhos de Zeus, bem como se dedicavam a assuntos muito semelhantes: Atena nutria especial apreço pelas artes e letras (o saber em geral), e Hefesto dominava a metalurgia, como artesão, bem como era o deus do fogo (o fogo era símbolo da ciência, como disso é exemplo o famoso mito de Prometeu).

<sup>22</sup> *aretê kai phronêsis*.

<sup>23</sup> *nous*.

<sup>24</sup> Cf. *Timeu* 22c-d.

<sup>25</sup> O termo *oreios* (lit.: “que vive nas montanhas”) é, neste contexto, usado com um sentido pejorativo.

por isso os agradar, mas não conheciam as virtudes e as leis dos antepassados, a não ser alguns relatos obscuros em relação a certos aspectos. Por viverem com carência e necessitados durante muitas gerações, eles e os seus filhos tinham apenas em mente aquilo de que careciam e conversavam apenas sobre isso, negligenciando aquilo que acontecera outrora num tempo anterior ao seu. Na verdade, a mitologia e a investigação de dados do passado chegam às cidades, juntamente com o ócio, apenas quando os habitantes se apercebem de que as necessidades básicas estão garantidas para um certo número de pessoas, e não antes. Foi por este motivo que mantiveram conservados os nomes dos antepassados à parte dos feitos. Digo isto baseando-me em Sólon que referia que os sacerdotes, enquanto narravam a guerra de outrora, mencionavam com muita frequência os nomes de Cécrope, Erecteu, Ericciónio, Erisícton<sup>26</sup>, e a maior parte daqueles que antecederam Teseu, cujos nomes permaneceram recordados, e o mesmo no que respeita às mulheres – de facto, visto que naquele tempo as ocupações respeitantes à guerra eram comuns às mulheres e aos homens, a estátua da deusa era por isso representada pelos de então com armas, de acordo com aquele costume, como tributo à deusa; isso é uma prova<sup>27</sup> de que todos os seres-vivos da mesma condição

E

I IOA

B

C

<sup>26</sup> Personagens lendárias associadas à fundação da cidade de Atenas: Cécrope teria sido o primeiro rei; Erecteu o seu pai; Ericciónio avô de Erecteu; Erisícton filho de Cécrope.

<sup>27</sup> *Endeigma*. Embora esta palavra em concreto não seja usada por Heródoto nem por Tucídides, dá igualmente conta da preocupação historicista no narrador. A este propósito, vide Introdução, pp. 57-63.

– tanto fêmeas quanto machos – são por natureza capazes de praticar em comum a virtude respeitante a cada espécie<sup>28</sup>.

Por outro lado, naquele tempo, os outros grupos de cidadãos ligados aos ofícios e ao sustento que provinha da terra viviam neste lugar aqui, enquanto que o dos combatentes, separados desde o princípio por homens divinos, viviam à parte, tendo acesso a tudo o que fosse adequado à sua subsistência e educação. Nenhum deles possuía nada a título particular, pois todos eles consideravam tudo comum a todos eles e não se achavam no direito de receber dos outros cidadãos nada além do necessário à sua subsistência, atarefados que estavam com todas as ocupações de que ontem falámos – aquelas que foram referidas a propósito dos guardiões que propusemos<sup>29</sup>.

Na verdade, até era plausível e mesmo verdadeiro o que se dizia a propósito da nossa terra<sup>30</sup>: em primeiro

---

<sup>28</sup> A igualdade de géneros é também referida no *Timeu* (18c-sq.) e na *República* (456a-sq.).

<sup>29</sup> Quando refere que as ocupações destes cidadãos são as que descreveram no dia anterior, Crítias remete para o que foi dito acerca das funções da classe dos guardiões da cidade ideal descritas na *República* (395b-d) e também no início do *Timeu* (17d): deviam dedicar-se exclusivamente à defesa do Estado. Além disso, são também evidentes outras semelhanças: não possuíam bens a título particular, recebiam o sustento dos outros cidadãos, bem como viviam em comunidade (*República* 416e; *Timeu* 18b).

<sup>30</sup> Segundo Brisson (2001, p. 383, nn. 60, 64), a descrição que se segue pretende fundamentar algumas reivindicações territoriais atenienses da época de Platão. Ao alargar as fronteiras da Ática até ao Istmo de Corinto, a sudoeste, inclui a cidade de Mégara (causa de diversos confrontos com os Coríntios), e, quando aponta o Rio Asopo como fronteira a norte, engloba a Orópia, cuja principal

lugar, que, nessa altura, as fronteiras que a circunscreviam, se estendiam até ao Istmo [de Corinto], de um lado<sup>31</sup>, e, na direcção da região continental, até aos cumes do Citéron e do Parnaso<sup>32</sup>; que essas fronteiras continuavam pelas encostas, do lado direito (incluindo a Orópia<sup>33</sup>) até ao Asopo<sup>34</sup>, e, do lado esquerdo, estavam delimitadas pelo mar; que toda esta terra superava em fertilidade o restante território, pelo que, na altura, este lugar era capaz de manter alimentado um vasto exército e livre de trabalhos com a terra<sup>35</sup>. Eis uma grande evidência<sup>36</sup> dessa fertilidade: o que dela ainda agora resta é equiparável a qualquer outra por ter muita variedade de cultivo e riqueza de colheitas, bem como boas pastagens para todo o tipo de animais. Além da qualidade de então, comportava tudo isso em abundância. Mas como pode isso ser credível, e com base em quê se poderá dizer acertadamente que são os restos da terra daquele tempo?

E

IIIA

Todo o território que se estende a partir do resto do continente e desemboca no mar é semelhante a um cidade (Oropo) era continuamente disputada com os Beócios.

<sup>31</sup> Isto é, para sudoeste.

<sup>32</sup> O Citéron e o Parnaso eram dois montes que se encontravam entre a Beócia e a Ática.

<sup>33</sup> Vide supra n. 30.

<sup>34</sup> Um rio a norte dos Montes Parnaso e Citéron. Vide supra n. 32.

<sup>35</sup> Não podemos deixar de notar nesta secção um eco da Idade do Ouro (período em que a Natureza proporcionava todos os bens, estando os homens livres de trabalhos agrícolas) que Hesíodo descreve nos *Trabalhos e Dias* (vv. 109-126).

<sup>36</sup> *Tekmêrion*. Trata-se de um termo muito usado pelos historiadores para fundamentar o seu discurso (Heródoto 2.13.1; 3.38.10; 7.238.4; Tucídides 1.1.3; 2.39.2; 3.104.6).

grande promontório, e acontece que o invólucro de mar que a circunda é profundo em todos os pontos da costa. Graças a muitos e grandes dilúvios que ocorreram nestes nove mil anos – este foi o número de anos que passou desde esse tempo até agora –, a terra que, em virtude do que aconteceu durante essas ocasiões, deslizou das terras altas, não se empilhou num morro digno de menção, como acontece noutros locais; antes, ao escorregar continuamente semelhante a uma roda, desapareceu no fundo do mar. Comparado ao de então, o que agora restou – tal como aconteceu nas pequenas ilhas – é semelhante aos ossos de um corpo que adoeceu, pois tudo o que a terra tinha de gordo e mole escorregou, tendo somente restado desse lugar o corpo descascado. Mas, naquele tempo, enquanto esteve intacta, tinha montanhas altas e encristadas de terra, e, quanto às planícies a que agora chamamos solo rochoso, tinha-as cheias de terra fértil. Tinha também numerosas florestas nas montanhas, de que ainda hoje há evidências manifestas, pois é nestas montanhas que actualmente existe o único alimento para as abelhas, e não há muito tempo que se cortava árvores nesse local para construir os tectos das grandes edificações – coberturas essas que ainda estão conservadas. Havia também muitas e grandes árvores benignas, bem como a terra providenciava pastos maravilhosos para o gado. Além disso, fruía a cada ano de água vinda de Zeus e não a perdia, ao contrário de agora, que corre da terra nua até ao mar; em vez disso, por ter muita terra, recebia-a dentro de si, e armazenava-a num solo argiloso que a sustinha. Ao descarregar a água dos pontos altos

para os vales, garantia fluxos abundantes de fontes e rios a todos os lugares; os templos que outrora foram estabelecidos nessas fontes e ainda hoje lá permanecem são um indício<sup>37</sup> de que o que agora dizemos sobre ela é verdadeiro.

Também assim era a natureza do resto da região, que era, provavelmente, cultivada por agricultores autênticos, isto é, que faziam apenas isto – vocacionados para as coisas caras à beleza e tinham à disposição a melhor terra e água em muita abundância, bem como estações temperadas da forma mais moderada que havia sobre a terra.

Quanto à cidade, nesta altura ela estava estabelecida do seguinte modo: em primeiro lugar, naquela altura a zona da Acrópole não estava como está hoje; é que uma só noite de chuva deixou-a completamente nua, pois dissolveu a terra por completo, e ao mesmo tempo geraram-se terremotos e um violento dilúvio – o terceiro antes da calamidade da época de Deucalião<sup>38</sup>. Quanto ao tamanho que tinha outrora, noutro tempo, chegava até ao Erídano e ao Ilisso<sup>39</sup>, compreendia em si a Pnix<sup>40</sup>, e tinha como limite, do lado oposto à Pnix, o Licabeto<sup>41</sup>; toda ela era terra e, excepto em poucos sítios, formava uma planície nos pontos mais altos.

<sup>37</sup> Vide supra n. 36.

<sup>38</sup> Trata-se do dilúvio com que Zeus decidiu destruir a raça humana. Escaparam Deucalião e Pirra, sua esposa, por meio de uma arca que haviam construído de antemão, depois de terem sido avisados pelo deus.

<sup>39</sup> Dois rios da Ática.

<sup>40</sup> Colina a oeste da Acrópole, onde, desde os inícios do século V. a.C., se reunia a Assembleia.

<sup>41</sup> Um monte a nordeste da Acrópole.

E

I I 2A

B

A parte exterior, junto aos seus próprios vertentes, era habitada por artesãos e pelos agricultores que cultivavam as imediações. Quanto à parte superior, habitava-a a classe dos guerreiros, de forma autónoma e isolada, junto ao templo de Atena e Hefesto, que eles tinham vedado com uma única cerca, como se fosse uma só casa. Habitavam, em aposentos comuns, a parte que dava para norte, que equiparam com uma messe para as noites de Inverno, e tinham tudo quanto fosse adequado à vida em comunidade<sup>42</sup>, fossem residências ou templos, excepto ouro ou prata<sup>43</sup> – pois não faziam qualquer uso disso para nada, mas, por buscarem o ponto intermédio entre a arrogância e a subserviência, habitavam em residências organizadas, em que envelheciam eles próprios e também os netos dos seus netos, as quais iam ininterruptamente entregando aos outros seus semelhantes. Na parte que dava para sul, fizeram jardins, ginásios e messes para o Verão, e usavam-na para isso. No lugar onde actualmente está a Acrópole havia uma fonte única, que foi destruída pelos terramotos, da qual actualmente restam apenas pequenas linhas de água em círculo, mas que naquele tempo providenciava a toda a gente uma corrente abundante, mantendo a mesma temperatura de Verão e de Inverno. E assim viviam eles, como guardiões dos seus próprios cidadãos e comandantes reconhecidos dos outros gregos, e garantiam a todo o custo que o

<sup>42</sup> *tê koinêi politeiai.*

<sup>43</sup> Curiosamente, a privação de ouro e prata, especificamente, é também referida na *República* (417a) a propósito da classe dos guardiões.

número de homens e mulheres, que eram ou viriam a ser capazes de combater, fosse sempre o mesmo: cerca de vinte mil.

E

Visto que eles eram desta natureza e administravam sempre com a mesma orientação – à luz da justiça – a sua cidade e o resto da Hélade, gozavam de alta reputação em toda a Europa e em toda a Ásia, graças à beleza dos seus corpos e a todo o tipo de virtude das suas almas, bem como eram famosos entre todos os homens daquele tempo.

No que trata à condição daqueles contra quem combateram, e ao modo como de princípio se gerou essa condição, se não estiver privado da memória, visto que o ouvi quando ainda era criança, restituí-lo-ei no meio de vós para que seja comum entre amigos.

Mas antes ainda do meu discurso, impõe-se um breve esclarecimento, para que não fiquéis admirados por muitas vezes ouvirdes nomes gregos aplicados a homens estrangeiros; ouvi então a razão. Sólon, por ter pensado em utilizar esta narrativa na sua poesia, procurou o significado destes nomes e descobriu que aqueles primeiros egípcios os tinham redigido vertidos na sua própria língua; então ele, por sua vez, depois de ter assimilado o sentido de cada um desses nomes, registou-os e traduziu-os para a nossa língua. Estes escritos estiveram na posse do meu avô, e neste momento estão ainda comigo, com os quais me exercitei enquanto era criança. Portanto, que não vos cause nenhuma admiração se ouvirdes alguns nomes como estes; aí tendes, portanto, a razão. Mas vejamos agora como era o princípio daquela grande narrativa.

113A

B



C Tal como foi dito anteriormente<sup>44</sup> acerca da partilha que ocorreu entre os deuses, eles dividiram toda a terra aqui em porções maiores e acolá em mais pequenas, onde estabeleceram templos e sacrifícios em seu próprio benefício. Deste modo, Posídon, quando lhe coube em sorte a Ilha da Atlântida, estabeleceu aí os filhos que gerou de uma mulher mortal num certo local da ilha.

D Existia ao longo de toda a ilha, em direcção ao mar, uma planície central, a qual se diz que seria a mais bela de todas as planícies e com uma fertilidade considerável. Nesta planície havia ainda na parte central uma montanha, baixa em todos os pontos, que distava cinquenta estádios<sup>45</sup> do mar. Neste local, estava um habitante de entre os homens que aí tinham nascido dessa terra em tempos primordiais; o seu nome era Evenor e vivia juntamente com a sua mulher, Leucipe; tiveram uma filha única, Clito. Logo que a rapariga atingiu a idade de ter um marido, a sua mãe e o seu pai morreram, e então Posídon desejou-a e uniu-se a ela. Então, de modo a construir uma cerca segura, desfez num círculo o monte em que ela habitava, e construiu à volta anéis de terra alternados com outros de mar, uns maiores, uns mais pequenos – dois de terra e três de mar, no total, torneados a partir do centro da ilha e equidistantes em todos os pontos, para que fosse inaccessível aos homens<sup>46</sup>; com efeito, naquela altura ainda nem havia naus nem se navegava.

---

<sup>44</sup> Cf. supra 109b-c.

<sup>45</sup> 8880m.

<sup>46</sup> O sistema de anéis atlante traz à memória uma descrição do aparelho defensivo da cidade persa de Ecbátana registada por Heródoto (*Histórias* 1.98).

Foi o próprio Posídon que organizou o centro da ilha – facilmente, pois era um deus –, fazendo surgir de debaixo da terra duas nascentes de água – uma quente, outra fria – que corriam de uma fonte e fez brotar da terra alimentos variados e suficientes. Engendrou e criou cinco gerações de varões gémeos e dividiu toda a Ilha da Atlântida em dez partes; entregou a residência materna ao que de entre os mais velhos nascera primeiro, juntamente com a porção que a circundava, que era a maior e a melhor, e nomeou-o rei dos restantes, ao passo que fez destes governantes, bem como atribuiu a cada um o governo de muitos homens e uma região com vastos territórios. A todos eles atribuiu nomes: ao mais velho – o rei –, deu-lhe o nome do qual toda a ilha e também o mar, chamado Atlântico, receberam uma designação derivada – o primeiro que reinou tinha então o nome Atlas<sup>47</sup>. Ao segundo gémeo – o que nasceu depois deste –, a quem havia cabido em sorte uma porção na extremidade da ilha na direcção das Colunas de Héracles até à região além daquele ponto que hoje é chamada Gadírica, deu o nome Eumelo, em grego, e Gadiro, na língua do país, sendo esta designação a que deu o nome àquela zona<sup>48</sup>. Aos dois que nasceram depois

II 14A

B

---

<sup>47</sup> Titá que, em virtude de ter tentado usurpar o poder de Zeus, foi punido com a obrigação de sustentar sobre os ombros o céu. É apresentado neste contexto como primeiro rei da Atlântida. O facto de Atlas (e não Posídon) ser apontado como primeiro rei da Atlântida pode estar ligado à localização mítica da ilha de uma filha sua: nos confins dos Jardins das Hespérides, que, segundo Hesíodo (*Teogonia* vv. 215-216, 517-518), se situavam precisamente naquela zona.

<sup>48</sup> Gadiro está na origem do nome da actual cidade de Cádiz, e

C chamou Anferes e Evémon; aos terceiros, Mnéseas ao que nasceu primeiro, e Autócton ao que nasceu a seguir; ao primeiro dos quartos Elasipo, e Mestor ao seguinte; aos quintos, pôs o nome Azais ao que nasceu antes e Diaprepes ao seguinte. E assim, todos eles e os seus descendentes ali viveram durante muitas gerações, governando sobre todas as outras ilhas do mar, e ainda, tal conforme dito anteriormente<sup>49</sup>, como senhores dos territórios aquém das Colunas de Hércules até ao Egipto e a Tirrénia<sup>50</sup>.

D De Atlas nasceu uma linhagem numerosa e honrada; o rei, que era o mais velho, transmitia a monarquia sempre ao mais velho dos descendentes, e assim se preservaram durante muitas gerações. Além disso, detinham riquezas em número tão elevado como nunca houve em quaisquer dinastias de reis anteriores nem é fácil que haja nas que se sigam, pois estavam providos de tudo do que havia necessidade garantir à cidade e ao resto do território. Com efeito, ainda que muito viesse de fora, por causa do império, a própria ilha fornecia a grande maioria dos bens essenciais. Em E primeiro lugar, tudo quanto fosse sólido e fundível era extraído pelo ofício mineiro, bem como aquilo que actualmente apenas nomeamos – naquela altura, mais do que um nome, existia a substância: o oricalco<sup>51</sup>, que

---

a Gadírica seria toda aquela zona circundante.

<sup>49</sup> Cf. *Timeu* 25a-b.

<sup>50</sup> A Tirrénia ou Etrúria era a pátria dos Etruscos, localizada na parte central da Península Itálica.

<sup>51</sup> A letra, *oreichalcos* significa “o cobre das montanhas”. Era usado pelos Atlantes como elemento decorativo para o revestimento de superfícies (as muralhas da muralha central da ilha: 116c; os tectos,

era extraído em vários locais da ilha, o qual naquela altura era, à parte o ouro, o material mais valioso –, e a floresta fornecia tudo quanto pudesse ser trabalhado pelos carpinteiros.

A ilha produzia tudo em abundância, e, no que respeita aos animais, alimentava convenientemente os domesticados e os selvagens, incluindo a raça dos elefantes que nela existia em grande número. No entanto, havia também pastagens para os outros seres-vivos, tanto os que viviam nos pântanos, nos lagos e nos rios, quanto os que pastavam nas montanhas e nas planícies – havia em abundância para todos eles, e também na mesma medida para este animal<sup>52</sup>, que era por natureza o maior e o mais voraz. Além disto, criava também diversos aromas, que actualmente a terra tem aqui e ali, de raízes, folhagens, madeiras ou sucos destilados de flores ou de frutos – isto produzia e criava a ilha em abundância. Mais ainda: frutos cultivados, secos e tudo quanto usamos na alimentação e de que aproveitamos o grão – chamamos leguminosas a todas as suas variedades –, os frutos das árvores que nos fornecem bebida, comida e óleo<sup>53</sup>, os frutos que crescem em ramos altos, os quais são difíceis de armazenar e

115A

B

---

paredes, colunas e pavimento do templo de Posídon); além disso, também a estela que continha gravadas as leis dos primeiros reis era deste material (119d). Embora se tenha tentado identificar esta substância com “um reluzir semelhante ao fogo” (116c), propondo hipóteses como o latão ou uma liga composta entre ouro e cobre (como sugere a falsa etimologia latina *aurichalcum*), é provável que se trate de uma substância mitológica. Sobre este assunto, vide Halleux (1973).

<sup>52</sup> Isto é, o elefante.

<sup>53</sup> Azeitonas.

que usamos apenas por prazer e divertimento<sup>54</sup>, e tudo quanto oferecemos como estimulante desejável depois da ceia a quem sofre por estar cheio<sup>55</sup> – naquela altura, a extraordinária ilha, que então estava sob o Sol<sup>56</sup>, fornecia todas estas coisas belas e admiráveis em quantidade ilimitada.

C Por receberem da terra tudo isto, construíram templos, residências reais, portos, estaleiros navais e melhoraram todo o restante território, organizando tudo do modo que se segue. Primeiro, fizeram pontes sobre os anéis de mar que estavam à volta da metrópole antiga, criando deste modo um acesso para o exterior e para a zona real. Esta zona real, fizeram-na logo de princípio no local onde estava estabelecida a do deus e a dos seus antepassados. Como cada um, quando o recebia do outro, adornava aquilo que já estava D adornado, superava sempre, na medida do possível, o anterior, até que tornaram o edifício espantoso de ver graças à magnificência e beleza das suas obras.

Escavaram um canal com três pletros<sup>57</sup> de largura, cem pés<sup>58</sup> de profundidade e cinquenta estádios<sup>59</sup> de comprimento, que começaram a partir do mar até ao anel mais exterior, e naquele local construíram uma via de acesso do mar àquele ponto, como a um porto;

---

<sup>54</sup> Tratar-se-á, provavelmente, de romãs.

<sup>55</sup> Será, com bastante certeza, o limão, que naquela altura era utilizado com este fim.

<sup>56</sup> Isto é, que ainda não tinha sido engolida pelo mar (vide supra 25c-d, 108e).

<sup>57</sup> 88,8m.

<sup>58</sup> 29,6m.

<sup>59</sup> 8880m.

também abriram uma barra adequada para a entrada de naus muito grandes. Também abriram os anéis de terra, que separavam os de mar, obedecendo à direcção das pontes, de modo a criar uma via de acesso entre os canais para uma só trirreme, e cobriram a parte superior para que o canal ficasse por baixo; é que as bordas dos anéis de terra tinham uma altura suficiente para sustentar o mar.

O maior dos anéis, aquele pelo qual passava o mar, tinha três estádios<sup>60</sup> de largura, e o anel de terra contíguo tinha a mesma largura. Dos segundos, o de água tinha dois estádios<sup>61</sup> de largura, enquanto que o seco era mais uma vez igual ao anterior de água; aquele que circulava no centro da ilha tinha um estádio<sup>62</sup>. Quanto à ilha onde estava a zona real, ela tinha cinco estádios<sup>63</sup> de diâmetro. À volta dela, a partir dos anéis e de um lado e de outro da ponte, que tinha um pletro<sup>64</sup> de largura, lançaram uma muralha de pedra e colocaram torres e portas em cada um dos lados das pontes, vedando o acesso a partir do mar. A pedra, que era branca, negra e vermelha, extraíram-na debaixo da ilha, do centro e debaixo dos anéis, quer da parte de fora, quer da de dentro. Ao mesmo tempo que a extraíam, iam construindo no interior do espaço vazio docas duplas que cobriam com a mesma pedra. Algumas das estruturas fizeram-nas simples, mas noutras misturaram as pedras, e assim

---

<sup>60</sup> 532,8m.

<sup>61</sup> 355,2m.

<sup>62</sup> 177,6m.

<sup>63</sup> 888m.

<sup>64</sup> 29,6m.

E

I 16A

B

produziram, por divertimento, um entrançado colorido, tornando-as naturalmente aprazíveis. As muralhas que circundavam a parte exterior do anel a toda a volta do perímetro revestiram-nas com cobre, que usaram como pintura, as da parte interior com estanho fundido, e as que circundavam a Acrópole com oricalco que tinha um reluzir semelhante ao fogo.

Quanto ao modo como estava disposta a zona real no interior da Acrópole, era o seguinte. No centro – ali mesmo – estava um templo sagrado dedicado a Clito e a Posídon, o qual tornaram inacessível, envolvendo-o numa cerca de ouro – foi naquele sítio que, no princípio, estes deuses conceberam e geraram a linhagem dos dez príncipes; era também naquele mesmo sítio que todos os anos entregavam a cada um deles as primícias sagradas provindas das dez partes da ilha. Ali estava o *naos*<sup>65</sup> só de Posídon, que tinha um estádio<sup>66</sup> de comprimento e três pletros<sup>67</sup> de largura – em altura parecia proporcional a estas medidas, mas a aparência era de certa forma bárbara. Toda a parte exterior do *naos* tinha sido coberta com prata, à excepção das extremidades (as extremidades foram cobertas com ouro).

Quanto à parte interior, o tecto era de marfim maciço com ouro, prata e oricalco, o que lhe dava uma aparência variegada, enquanto que revestiram todas as outras partes – paredes, colunas e pavimento – com oricalco. Erigiram estátuas de ouro: o deus erguido num

---

<sup>65</sup> Parte interior do templo onde se encontrava a estátua do deus ao qual o edifício era consagrado.

<sup>66</sup> 177,6m.

<sup>67</sup> 88,8m.

carro segurando as rédeas de seis cavalos alados, que, graças à sua altura, tocava no tecto com a cabeça; à volta dele estavam cem Nereides montadas em golfinhos – naquele tempo, julgavam que elas eram assim tantas<sup>68</sup>; no interior havia ainda muitas outras estátuas que tinham sido oferecidas por particulares. Em torno do *naos*, no exterior, estavam erguidas representações de ouro de todas as mulheres e dos descendentes dos dez reis, e muitas outras grandes estátuas de reis e também de particulares da própria cidade e de quantos territórios no exterior eles governavam. Concordante em grandeza e construção com esta edificação havia um altar, bem como a zona real estava também de acordo com a grandeza do império e com a organização que rodeava estes locais sagrados.

Quanto às fontes, a que tinha uma corrente fria e a que tinha uma quente, abundantes e inesgotáveis, sendo cada uma das quais de uma admirável utilidade, em virtude do sabor e da excelência das suas águas, aproveitavam para construir edifícios em torno delas, para plantar árvores adequadas às suas águas, e para instalar reservatórios – uns a céu aberto, outros cobertos tendo em vista os banhos quentes durante o Inverno.

<sup>68</sup> As Nereides, filhas de Nereu e ninfas marinhas associadas ao culto de Posídon, eram, no tempo de Platão, apenas 50. Quanto à estátua em si, o facto de Crítias dizer que quase tocava no tecto do templo que a albergava traz à memória a estátua de Zeus em Olímpia, uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo. Diz Estrabão (*Geografia* 8.3.30; a tradução deste passo pode ser consultada em Ferreira & Ferreira, 2009, pp. 182-184) que, se o deus se levantasse (estava representado sentado), arrancaria seguramente o telhado do edifício.

E

117A

B



De um lado estavam os reais, do outro os particulares, outros ainda para as mulheres, e os restantes para os cavalos e para os outros animais de jugo, atribuindo a cada um deles a organização que lhe era adequada. De modo a dirigir a corrente para o bosque sagrado de Posídon, que tinha todo o tipo de árvores de uma beleza e uma altura divinas, graças à fertilidade da terra, e para os territórios periféricos, canalizaram-na por meio de condutas ao longo das pontes. Ali construíram vários templos de muitos deuses, vários jardins e ginásios, uns para os homens, outros, à parte, para os cavalos, em cada uma das ilhas dos anéis.

Entre outras coisas, havia no centro da ilha grande um hipódromo à parte, com um estádio<sup>69</sup> de largura, cujo comprimento compreendia a totalidade do perímetro do anel para a competição dos cavalos. Em toda a volta, havia por toda a parte aquartelamentos para um grande número de guarda-costas – a guarnição dos que eram mais fiéis estava disposta no anel mais pequeno, no ponto mais próximo da Acrópole, e aos que de entre todos estes se distinguiam em fidelidade foram concedidas residências no interior da Acrópole, junto às próprias residências reais. Os estaleiros navais estavam preenchidos de trirremes e de quantos acessórios são adequados às trirremes, tudo preparado de forma capaz.

Quanto às periferias da residência dos reis, elas estavam dispostas do seguinte modo: quando se atravessava os portos – que eram três –, vindo do exterior,

---

<sup>69</sup> 177,6m.

uma muralha estendia-se em círculo, que começava no mar, distando, em todos os pontos, cinquenta estádios<sup>70</sup> do maior anel e do porto, e fechava-se na barra do canal que dava para o lado do mar. Todo este local estava povoado por edifícios numerosos e concentrados, ao passo que o canal e o porto maior estavam preenchidos por naus e comerciantes que vinham de todo o lado, que, por serem em grande número, causavam um clamor e um ruído produzido por toda a espécie de barulhos, tanto de dia, quanto durante a noite.

Temos agora na memória uma aproximação daquilo que foi narrado naquele tempo sobre a cidade e a zona circundante das antigas edificações; devemos então tentar lembrar qual era a natureza da região e o tipo de organização que tinha. Primeiro, todo este lugar, segundo se dizia, era muitíssimo alto e escarpado desde o mar, mas a periferia da cidade era toda plana. Esta zona que rodeava a cidade era ela própria rodeada por montanhas em círculo que se estendiam até ao mar – além disso, era plana e nivelada, toda ela oblonga, com três mil estádios<sup>71</sup> numa direcção e, pela parte central, dois mil estádios<sup>72</sup> do mar até ao topo. Esta região da ilha estava orientada para Sul, abrigada do Norte. As montanhas que a circunscreviam, naquele tempo eram famosas pelo número, grandeza e beleza, superando todas as que hoje existem; nelas havia aldeias ricas e numerosas, rios, lagos, prados que forneciam alimento suficiente para todos os animais domésticos

<sup>70</sup> 8880m.

<sup>71</sup> 532,8km.

<sup>72</sup> 355,2km.

E

118A

B

e selvagens, e uma floresta toda ela abundante e com grande variedade de espécies – uma fonte inesgotável para todo o tipo de obras em geral e para cada uma em particular.

- C A planície foi mantida pela natureza e também por muitos reis durante muito tempo do seguinte modo. A maior parte da sua área formava um quadrilátero rectangular e oblongo, e o restante aplanaram-no por meio de uma vala que escavaram em círculo. Na medida em que se tratava de uma obra feita à mão, a profundidade, largura e comprimento desta fossa de que se fala são duvidosos, se a compararmos aos outros empreendimentos, mas devemos dar a conhecer aquilo que ouvimos dizer: foi escavada com um pletro<sup>73</sup> de profundidade, um estádio de largura em todos os pontos, e, visto que tinha sido escavada à volta de toda a planície, a largura era coincidente: 10000 estádios<sup>74</sup>. Como recebia as correntes de água que desciam das montanhas, e sabendo que rodeava a planície, chegava à cidade por ambos os lados, descarregava deste modo o fluxo no mar. Assim, talharam vários canais perpendiculares, com 100 pés<sup>75</sup> de largura e cada um dos quais 100 estádios<sup>76</sup> afastado dos outros, dispostos transversalmente ao longo da planície desde as montanhas, que iam, por seu turno, desaguar na outra ponta da vala, na direcção do mar. Era deste modo que transportavam a madeira das montanhas até à cidade
- E

---

<sup>73</sup> 29,6m.

<sup>74</sup> 1776km.

<sup>75</sup> 29,6m.

<sup>76</sup> 17,76km.

e expediam os restantes produtos da época por meio de barcos, visto que haviam talhado vias de navegação transversais de uns canais para outros e para a cidade – colhiam os frutos da terra duas vezes por ano. Usavam, no Inverno, a água que vinha de Zeus, e, no Verão, a que a terra fornecesse e os fluxos que faziam correr dos canais<sup>77</sup>.

No que respeita à população, foi estabelecido que, na planície, cada distrito forneceria um homem que comandasse aqueles que pudessem servir para a guerra, sendo que o tamanho de cada região era de dez por dez estádios<sup>78</sup>, e, no total, havia sessenta mil distritos. Dizia-se que o número de homens das montanhas e do resto do território era infinito, e todos eles, em função dos lugares e das aldeias, estavam distribuídos pelos distritos e adscritos a quem as comandava, conforme o lugar e a aldeia.

Estava prescrito que, caso houvesse guerra, cada comandante fornecesse uma sexta parte de um carro de guerra para um total de dez mil carros: dois cavalos e respectivos cavaleiros, mais um par de cavalos sem carro; um soldado que combatesse com um pequeno escudo a pé e também dentro do carro, bem como pudesse conduzir ambos os cavalos; dois hoplitas<sup>79</sup>, arqueiros e fundeiros<sup>80</sup> – também dois de cada; soldados

<sup>77</sup> Este sistema de irrigação faz lembrar descrição de Heródoto (*Histórias* 3.117) da planície mítica que constituía o centro da Ásia.

<sup>78</sup> 1776m por 1776m.

<sup>79</sup> Soldados de infantaria pesada que usavam uma lança comprida e estavam munidos de uma pesada armadura.

<sup>80</sup> Atiradores que manejavam a funda – uma arma constituída

de infantaria ligeira, uns que lançassem pedras e outros dardos – três de cada; quatro marinheiros para formar tripulação de mil e duzentas naus. Assim estavam organizadas as tarefas militares da cidade real; quanto às restantes nove regiões, era de outro modo, mas isso levaria muito tempo para explicar.

- C Quanto à organização inicial das instituições de governo e dos cargos, processou-se do seguinte modo. Cada um dos dez reis, na sua região e na sua cidade, detinha um poder absoluto sobre as leis e sobre os homens, pois castigava e condenava à morte quem quer que quisesse. Por outro lado, a autoridade que tinham uns sobre os outros e as relações mútuas dependiam das determinações de Posídon, tal como lhes transmitira a lei que havia sido fixada na escrita pelos primeiros reis numa estela de oricalco, que se encontrava no centro da ilha num templo de Posídon. Nesse local, os reis reuniam-se de cinco em cinco e de seis em seis anos, alternadamente, distribuindo assim equitativamente ciclos de anos pares e ímpares; durante essas reuniões, deliberavam sobre assuntos de interesse comum, verificavam se algum deles tinha transgredido alguma norma e julgavam-no. Quando chegava a altura de julgar, trocavam antes votos de boa fé entre si do seguinte modo<sup>81</sup>. Depois de terem

---

por um entrançado de couro ou corda para arremessar pedras.

<sup>81</sup> O ritual que Crítias está prestes a descrever tinha por objectivo um contacto com o deus Posídon, que, ao escolher um touro para sacrificar, inspiraria os dez reis nas suas decisões e reforçaria a obediência às leis divinas. Na origem deste sacrifício poderá estar um episódio relatado por Heródoto (*Histórias* 2. 147-sqq.); segundo este autor, foi estabelecida uma monarquia no Egipto, cujos moldes eram muito semelhantes: previa uma divisão territorial, sendo

sido largados os touros no templo de Posídon, os dez reis, que estavam sozinhos, faziam imprecações ao deus para que eles capturassem a vítima que lhe agradasse; depois perseguiam-na sem armas de ferro, mas sim com paus e laços. Desses touros, aquele que tivessem capturado, levavam-no para junto da estela e degolavam-no no topo dela para que o sangue corresse pelas letras – na estela, junto às leis, estava um juramento que imprecava grandes maldições para aqueles que o violassem. Então, depois de sacrificarem o touro de acordo com as suas leis, queimavam todos os seus membros, enchiam um *kratêr*<sup>82</sup> de vinho misturado e deitavam um pedaço de sangue coagulado sobre cada um; em seguida limpavam a estela e lançavam o restante para o fogo. Depois disto, retirando vinho do *kratêr* com *phiales*<sup>83</sup> de ouro e fazendo libações na direcção do fogo, juravam julgar de acordo com as leis que estavam na estela, punir quem, anteriormente, as tivesse transgredido em algum ponto, não transgredir propositadamente nenhuma daquelas escrituras no futuro e não governar nem obedecer a nenhum governante a não ser ao que estava estabelecido de acordo com as leis do pai. Depois de fazer estas

E

I 20A

B

---

cada região (12 em vez de 10) administrada por um rei; esses reis reuniam-se em assembleia em ambiente ritual e também junto a um templo; e durante esse encontro, faziam sacrifícios, libações, bem como ingeriam uma bebida sacrificial. Além disso, faziam juramentos de fidelidade e entreajuda e elegiam um dos reis como soberano. Curiosamente, esta civilização também cultivava uma arquitectura rica e monumental.

<sup>82</sup> Recipiente utilizado para misturar o vinho com água antes de ser servido.

<sup>83</sup> Espécie de copo – largo, baixo, sem asa nem pé – utilizado para retirar o vinho do *kratêr* durante as libações.

imprecações para si próprio e para aqueles que de si nascessem, cada rei bebia e oferecia como ex-voto a *phiale* ao templo do deus e dedicava-se ao jantar e a tudo o resto de que tinha necessidade. Quando chegava a escuridão e o fogo do sacrifício se extinguia, então todos eles, vestidos com um belíssimo manto azul-escuro, sentavam-se no chão junto às cinzas sacrificiais.

C À noite, depois de apagarem por completo o fogo junto ao templo, eram julgados e julgavam caso algum deles acusasse outro de ter transgredido algum ponto. Depois de julgarem, quando chegava a claridade, registavam as determinações numa placa de ouro que, vestidos com o manto, ofereciam como monumento.

Havia muitas outras leis particulares sobre as prerrogativas de cada rei, mas as mais importantes eram as seguintes: nunca, em circunstância alguma, lutarem entre si; ajudarem-se todos uns aos outros, caso algum deles tentasse alguma vez destituir a família real numa cidade; e, tal como os antepassados, deliberar em comunhão as resoluções respeitantes à guerra e a outros assuntos, atribuindo o comando à estirpe de Atlas. Não era lícito que um rei determinasse a morte de nenhum membro da sua família, se não tivesse o voto de metade dos dez reis.

D

Esta era, segundo o relato, a natureza e o poderio que outrora existia naquelas terras e que o deus<sup>84</sup>, por sua vez, organizou e dali trouxe aqui para estas terras pelo seguinte motivo. Durante várias gerações,

E

<sup>84</sup> Tratar-se-á provavelmente de Zeus, pois, na última secção que resta do diálogo (121c), é dito que este deus decide aplicar uma punição aos Atlantes.

enquanto a natureza do deus<sup>85</sup> os engrandecia, foram obedientes às leis e mantiveram-se indulgentes à ascendência divina; em todos os aspectos aspiravam a pensamentos verdadeiros e grandiosos e faziam sempre uso da delicadeza<sup>86</sup> juntamente com a prudência<sup>87</sup> perante as vicissitudes e nas relações entre si – daí que desprezavam tudo menos a virtude, pouco apreciavam a sua condição e suportavam com facilidade, tal como um fardo, o peso do ouro e das outras riquezas. Assim, por não se inebriarem pela sumptuosidade causada pela riqueza nem se descontrolarem, não capitulavam. Pelo contrário, mantendo-se sóbrios, percebiam com acuidade que tudo isso aumentava graças à amizade mútua acompanhada da virtude, mas que isso mesmo decaía por causa da ânsia e da veneração, bem como a virtude era destruída pelo mesmo motivo.

I 21A

Foi graças a esta maneira de pensar e à natureza divina que mantinham em si que aumentavam todas estas riquezas de que temos falado. Mas quando a parte divina neles se começou a extinguir, em virtude de ter sido excessivamente misturada com o elemento mortal, passando o carácter humano a dominar, então, incapazes de suportar a sua condição, caíram em desgraça e, aos olhos de quem tem discernimento pareciam desavergonhados, pois haviam destruído os bens mais nobres que advêm da honra<sup>88</sup>. Mas aos olhos

B

---

<sup>85</sup> Neste caso, o deus será Posídon, pois era dele que descendiam os Atlantes.

<sup>86</sup> *praotês*.

<sup>87</sup> *phronêsis*.

<sup>88</sup> Note-se a ideia da condição humana enquanto degeneração



daqueles que não conseguem discernir a conduta que corresponde à verdadeira felicidade davam a impressão de ser extremamente belos e felizes, mas estavam impregnados de uma arrogância injuriosa e de poder<sup>89</sup>.

c O deus dos deuses – Zeus – que reina por meio de leis, como tem capacidade para discernir este tipo de acontecimentos, apercebeu-se de que uma estirpe íntegra estava organizada de um modo lastimoso. Então decidiu aplicar-lhes uma punição, de modo a que eles se tornassem razoáveis e moderados. Reuniu todos os deuses na sua nobilíssima morada, que se encontra estabelecida no centro do mundo e contempla tudo quanto participa no devir<sup>90</sup>, e, depois de os ter reunido, disse...<sup>91</sup>

---

progressiva de uma origem divina.

<sup>89</sup> O processo de queda da civilização atlante, motivado por uma degenerescência moral, faz lembrar a análise histórica que Platão dedica ao desmembramento do império persa nas *Leis*. Neste diálogo, o Estrangeiro de Atenas estabelece um contraste entre o reinado de Ciro, época em que este povo vivia “na justa medida entre a servidão e a liberdade” (694a), e o tempo dos seus descendentes, que preferiam a luxúria, a desmesura e a licenciosidade (695a-b), para explicar a perdição persa, culminada nos exageros de Xerxes (695d-696b).

<sup>90</sup> Ao colocar os deuses liderados por Zeus no centro do mundo criado, o discurso de Crítias confirma a transmissão de poderes por parte do demiurgo já adianta durante o discurso de Timeu. Quando o demiurgo entrega às divindades menores a tarefa de fabricar as partes mortais da espécie humana (69c), delega-lhes ao mesmo tempo a tarefa de os governar (42e).

<sup>91</sup> O texto termina abruptamente neste ponto por motivos que não se conhecem.